

O SURGIMENTO DE NOVAS CIDADES

As novas cidades surgiram de uma aglomeração na porta do castelo, onde comerciantes mantinham negócios com o senhor, e sua instalação ao redor do muro chamou outras atividades. Isso atraiu outros segmentos, pois os comerciantes precisavam se alimentar, ter moradia, vestir e etc; daí esses segmentos, ao praticarem suas atividades ao redor da fortaleza, deram início a um fluxo considerável e, conseqüentemente, ao surgimento de uma nova cidade. É o que facilmente podemos visualizar, por exemplo, através desse documento do século XIII, que registra a emergência de um burgo novo:

[...] Com a continuação, para satisfazer as faltas e necessidades dos da fortaleza, começaram a afluir diante da porta, junto da saída do castelo, negociantes, ou sejam, mercadores de artigos custosos, em seguida taberneiros, depois hospedeiros para alimentação e albergue dos que mantinham negócios com o senhor, muitas vezes presente, e dos que construíam casa e preparavam albergarias para as pessoas que não eram admitidas no interior da praça. O seu dito era: “ vamos à ponte”. Os habitantes de tal maneira se agarraram ao local que em breve aí nasceu uma cidade importante que ainda hoje conserva o seu nome vulgar de ponte, porque *brughe* significa ponte em linguagem vulgar. (JEAN LELONG *apud* PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 149-150)

Outras cidades surgiram a partir de decretos de um rei, a fim de ocupar e tornar produtivo todo o âmbito do reino. O decreto era direcionado a todos os setores, de carpinteiros a alfaiates, de ferreiros a sapateiros, e a todos os reinos, gerando uma diversidade cultural, uma vez que diversas línguas e culturas povoariam aquele mesmo espaço. O rei oferecia terras para produzir e proteção militar, mas a terra não podia ser herdada, apenas emprestada, uma vez que o intuito era desenvolver economicamente o reino, através de um acordo de troca e não de realização pessoais.

A NOVA SOCIEDADE URBANA

As características dessa nova ordem social estão vinculadas a economia, a propriedade urbana, ao dinheiro, a influência na cidade. Porém as “ordens” tradicionais também estão presentes: a nobreza nem sempre, pois com frequência

ela se opõe a cidade; a Igreja, em compensação, é onipresente tanto no temporal como no espiritual, pois, tais características e desenvoltura social partem de um processo de adaptação, em que costumes, leis, fazem parte de um processo de transição que provoca modificações, mas não desvinculam totalmente dos atributos tradicionais da gleba.

A nobreza, entre 1150 à 1250, especificamente no norte da França, mas também em outras regiões, começa a perder sua força cidadina. Na cidade, os nobres mantinham relações com burgueses exercendo funções financeiras, e até mesmo casando-se entre eles. Mas a partir de 1250, a nobreza passa por um processo no qual começa a perder seu poder na cidade, tendo apenas casas secundárias ou rendas em dinheiro, dando início ao fenômeno do consulado senhorial. (LE GOFF, 1992., p.156)

As cidades medievais tornam-se então turbulentas e diversificadas culturalmente, com a transição do campo para a cidade, os costumes se mesclando, a economia se intensificando, causando um fluxo nas estradas, atraindo saqueadores que agiam frequentemente, o que era um problema comum nesse período.

Esse mecanismo, provocador e constituinte de uma diversidade cultural, tornou-se uma engrenagem muito importante para a sociedade medieval, pois mesmo com todas as linguagens e costumes, o câmbio, ou seja, a troca de mercadorias, tornava-se a linguagem de todos os povos.

As cidades medievais se organizavam heterogenicamente, pois algumas eram mais protegidas e outras mais expostas, mas havia aspectos que se fundiam entre elas, como a questão arquitetônica. A forte influência da Igreja na Europa medieval caracterizava esse período como o **período das catedrais**, resultado de um investimento que fortalecia cada vez mais a Igreja, e a consolidava como parte fundamental das estruturas mental, espiritual e política.

Ao observarmos uma cidade medieval vemos sua estrutura imponente e cheia de significados. Suas muralhas, suas casas, as torres que estão em todas as catedrais, nas casas das famílias ricas, até mesmo nas muralhas, refletem um significado ambíguo, mostrando em aparato militar, no caso das muralhas, que serviam de defesa contra invasores. As torres das casas, quanto mais altas fossem, demonstravam o poder aquisitivo da família.

Existem também as torres das catedrais, pois a Igreja é uma instituição que influencia a mentalidade da época, com mais ênfase no campo; na cidade ela se mantém, porém não com tanta força, embora sua presença seja assinalada em vários espaços. Suas torres foram construídas acopladas às igrejas, mas existem cidades em que as catedrais têm suas torres separadas, ou seja, ao lado da catedral, chamadas de campanário. Encontram-se tais características, por exemplo, nas cidades Italianas. (LE GOFF, 1992, 1998)

As cidades transpareciam um ar de segurança para seus moradores, principalmente para aqueles que viviam nas ruas; ruas essas que abrem as portas para o diálogo através do comércio, em que as diferenças se misturam, mesclam-se através de um ideal econômico que se faz presente em lugares públicos, como no mercado, onde havia toda uma relação de troca alimentada por uma economia monetária.

Na cidade, a sociedade se desvincula da mentalidade restrita da Igreja para com ela, onde o homem via tudo ao seu redor através de uma ideologia voltada para os anseios da Igreja e dos senhores feudais, mostrando que todas as situações que a sociedade vivia era vontade de Deus. Acreditava-se que tudo que acontecesse não podia ser modificado, já estava pré-estabelecido por Deus, pois isto também servia para os fenômenos da natureza que eram alvos de mitos e lendas para amedrontar a sociedade, dando sempre um teor de submissão para que ela não pudesse expandir seus horizontes.

Porém, nas cidades o homem passa a conquistar seu espaço nos aspectos culturais, e com o surgimento das universidades pôde se expandir o conhecimento e desmistificar aos poucos toda uma ideologia de interesse. Obviamente, dos interesses que alimentavam o poderio das aristocracias clerical e laica, embora abrisse o campo para outros interesses, como o da burguesia ascendente. Isso favorecia um contraste do sentimento de liberdade entre o campo e a cidade, considerando-se que esta última, pelo exposto, favorecia uma maior autonomia de ideias e expressões.

O comércio foi certamente determinante para o crescimento demográfico nas cidades, uma vez que a prática desta atividade nas portas dos castelos desse início à aglomeração e instalação de várias outras atividades, organizando um burgo, conseqüentemente, uma cidade, como já destacado. O seu fluxo é bastante intenso e diversificado, pois economicamente o comércio, ao se instalar ao redor das

muralhas, atraiu outros setores e profissões, como artesãos, carpinteiros, pintores, alfaiates, entre outros, que fortaleceram e abriram novos âmbitos para que as cidades se tornassem atrativas.

Além do aspecto comercial, também as atividades culturais e de ensino, dinamizavam a vida urbana. O ensino na cidade medievais caracterizava-se pelo fases primária e superior_ em nossa linguagem atual_ e nelas foram criadas as Universidades. Com um importante sistema cambial, a vida urbana permitiu à cultura popular, das camadas rurais, encerradas nos campos, e a cultura erudita dos clérigos, enclausurada nas escolas eclesiásticas, reencontrar-se, mesclando a realidade e o imaginário ao ponto de introduzir em si o teatro, e como diz Jacques Le Goff(1992), “ tornar-se ela própria”, ou seja, uma cultura com suas especificidades. No domínio dos edifícios religiosos, ela também criou uma arte urbana, com produções sagradas e profanas: em destaque a arte gótica, sobre a qual nos dedicaremos a seguir.

Podemos dizer, junto com Le Goff (1992), que a cidade é o mercado, e é também a escola. A escola, por sua vez, estava ligada ao mercado. Mas de que maneira isso seria possível se a escola estava diretamente ligada a uma forte instituição, a Igreja? Ora, mesmo a escola tendo um vínculo religioso e conservador, é nas cidades que elas se flexibilizam, se transformam e se adequam à realidade citadina; surgiram aí também escolas para crianças, destinadas a permanecer laicas, e relacionadas à burguesia.

Num artigo em que estuda o surgimento precoce de escolas laicas em Gand, na segunda metade do século XII, Henri Pirrene aponta esse fenômeno e toda sua importância histórica:

Em meados do século XII, os conselhos municipais se preocuparam em fundar para os filhos da burguesia escolas que são as primeiras escolas laicas da Europa desde o fim da antiguidade. Por elas, o ensino deixa de conceder seus benefícios exclusivamente aos noviços dos mosteiros e aos futuros padres das paróquias. O conhecimento da leitura e escrita sendo indispensável a prática do comércio, já não reservado apenas aos membros do clero. O burguês iniciou-se nele bem antes do nobre, por que aquilo que para o nobre não passava de um luxo intelectual era para ele uma necessidade cotidiana. A Igreja não deixa de reivindicar logo, sobre todas as escolas municipais, uma vigilância que provoca numerosos conflitos entre elas e as autoridades urbanas. A questão religiosa é naturalmente estranha a tais debates. Sua única causa foi o desejo das cidades de manter sua autoridade nas escolas criadas por elas e

cuja direção pretendiam conservar. (HENRI PIRRENE *apud* LE GOFF, 1992., p.197)

Segundo Le Goff (1992), a cidade também passa por um processo complexo de transição no mundo das escolas, que se discursa, sempre em latim, e que chamaríamos de ensino secundário ou superior. Apesar da forte influência das escolas monásticas, canônicas e episcopais, sendo que as duas últimas fossem ligadas ao meio urbano, na França do século XII, a iniciativa intelectual e científica passa do decorrer do século XII para as novas escolas, onde tinham ligações íntimas com a cidade e de onde surge no fim do século XII, em alguns locais, as universidades.

O poder eclesiástico é considerável na cidade, mas um poder que se impõe perante a esse, é a burguesia. Que pode ser designado como não- clérigo, não-nobre e não-estrangeiro, que goza de uma certa fortuna, exercia certas atividades que lhe asseguravam uma certa independência e que manifestava um certo modo de vida.

Portanto, a vida na cidade medieval é muito rica e diversificada; se temos a Igreja que está presente fisicamente, por seus numerosos homens e se impõe pelo costume, pelos que constituem a grande massa monumental urbana, e que pela altura dos edifícios, dominam a cidade e lhe modelam em grande parte da estrutura. É presença econômica, porque a Igreja, em geral, é de longe a primeira potência predial, imobiliária e financeira da cidade, mas, mesmo com esse poderio, se sentia ameaçada por outras camadas da sociedade, inclusive pela burguesia que financiava também a estrutura imobiliária, e principalmente as escolas que foram de suma importância para a abertura de vários campos através do desenvolvimento científico e tecnológico. Se a Igreja com as escolas episcopais, possibilitava aos clérigos um entendimento voltado aos interesses da autonomia da Igreja, na cidade o surgimento de uma nova classe, a burguesia letrada, abriu as portas para uma forte economia, e através da fusão de várias formas de investimento no campo do ensino, seja ele clerical ou laico, criou-se uma forte tendência cultural através do surgimento das universidades.

Na cidade existe um lugar onde se manifesta e diversifica a cultura, é a praça, como escreveu Mikhail Bakhtin:

[...] Nos palácios, nos templos, nas instituições, nas casas particulares reinavam um princípio de comunicação hierárquica, uma etiqueta, regras de decoro. Conversas particulares ressoavam na praça pública; a linguagem familiar que formava quase uma língua específica, inutilizável em outros lugares, nitidamente diversa daquela Igreja, da corte, dos tribunais, das instituições públicas, da literatura oficial da língua falada das classes dominantes... se bem que o vocabulário da praça pública, de tempos em tempos, se introduzisse também ali... Nos dias de festa, sobretudo durante o carnaval, o vocabulário da praça pública se insinuava por toda parte...(Mikhail Bakhtin *apud* Le Goff, 1992., p.206)

A praça, como destaca a partir daí Le Goff (1992), é o lugar do encontro da cultura erudita e popular, por conta do mercado e da feira, onde as diversidades se encontram: a cultura mercantil, eclesiástica e até cavalesca. Mesmo até fora das festas, na vida cotidiana, o encontro se realiza, pois a praça está onde há divertimentos, convergência de curiosos, consumo cultural diversificado.

Portando, a Igreja se adéqua a todos esses segmentos da sociedade medieval, mesmo deixando transparecer o desejo de se tornar poder dominante, através do seu autoritarismo e imponência, através da grandeza de suas construções e organização que se manifesta em todo os segmentos da sociedade.

Suas construções se adéquam ao crescimento populacional, pois as grandes e imponentes catedrais comportam uma quantidade considerável de pessoas, e ao mesmo tempo expressa o poder da Igreja sobre os fiéis.

ARTES NA CIDADE

Como já dito anteriormente, na Europa Central, por volta do século XI, tem início uma economia voltada para o comércio. Isso faz com que o centro da vida social se desloque do campo para as cidades e apareça a burguesia urbana. Na primitiva Idade Média, o centro da vida social estava no campo e eram os mosteiros os locais de desenvolvimento intelectual e artístico, onde se propagava a tradição da cultura greco - romana. Na arquitetura foi onde houve uma importância significativa na criação de um novo estilo para edificação, principalmente das igrejas, que recebeu o nome de Românica. Essa denominação foi criada para designar as relações arquitetônicas do final dos séculos XI e XII, na Europa, cuja estrutura era semelhante à das construções dos antigos romanos.

As características mais significativas da arquitetura românica são a utilização da abóbada, dos pilares maciços que as sustentam e das paredes espessas com coberturas estreitas usadas como janelas. No século XII, a arquitetura predominante ainda é a românica, mas já se presencia as primeiras mudanças que conduzirão a uma revolução profunda na arte de projetar e construir grandes edifícios.

Segundo Graça Proença (2002) na sua obra sobre História da Arte, no século XVI, essa nova arquitetura foi chamada de **gótica** pelos estudiosos, que a consideravam de aparência tão bárbara que poderia ter sido criada pelos godos _ povo que invadiu o Império Romano e destruiu muitas obras da antiga civilização romana. Esse estilo inovador de edificação apareceu pela primeira vez na França, na abadia de Saint- Denis por volta de 1140.

A primeira diferença que notamos entre a igreja românica e uma gótica é a fachada. Enquanto a igreja românica apresenta um único portal, a igreja gótica, como Saint- Denis tem três portais que dão acesso às três naves do interior da Igreja: a nave central e as duas naves laterais (ver figuras 3 e 4):



Figura 3 Igreja de Santa Maria de Ripol, Gerona. Exemplo clássico de basílica românica.⁴

Na fachada da abadia de Saint- Denis, os portais laterais eram continuados por altas torres. O portal central tem, acima dos frisos que emolduram o tímpano,

⁴ Disponível em: <http://www.google.com/search?q=Igreja+de+Santa+Maria+de+Ripoll+Gerona&hl=pt-PT&tbo=u&tbm=isch&source=univ&sa=X&ei=ZKC0UMq6OuPO0QGxsoDIDg&ved=0CD4QsAQ&biw=1366&bih=624> . Acesso em 22/11/2012.

uma grande janela, acima do qual há outra, redonda, chamada rosácea. A rosácea é um elemento arquitetônico muito característico do estilo gótico e está presente em quase todas as igrejas construídas entre os séculos XII e XIV:



Figura 4 Catedral de Saint-Denis, Paris, exemplo clássico de estilo gótico, com sua rosácea no alto⁵

Segundo os autores do livro, *Iniciação à História da Arte*, H. W Janson e Anthony F. Janson (1996), no início, por volta de 1150, essa área era realmente pequena. Compreendia apenas a província conhecida como Ille-de-France (ou seja, Paris e arredores), o domínio real dos soberanos franceses. Cem anos mais tarde, a maior parte da Europa, da Sicília à Islândia, tornara-se gótica, com apenas alguns bolsões românicos aqui e ali, através dos cruzados, o novo estilo fora introduzido até mesmo no Oriente Próximo. Para além desse quadro geral, desenha-se outro: a difusão internacional em oposição à independência regional. Sendo um desenvolvimento local da Ille-de-France, a arte gótica alastra-se daí para o resto da França e para toda Europa, onde passa a ser conhecida como *opus modernum* ou *francigenum* (obra moderna ou “francesa”).

Ao longo do século XII, o novo estilo perdeu aos poucos o seu caráter “importado”, e a diversidade regional voltou a firma-se. Em meados do século XIV,

⁵Disponível em www.google.com.br/search?q=saint-denis&=pt-BF acesso em : 10/11/2012